

O Livro de Daniel - Número Cinquenta e Três

Visões proféticas reveladas: compreendendo os últimos dias por meio da experiência de Daniel

Jeff Pippenger
2024-01-17

Todos os profetas falam mais dos últimos dias do que dos dias em que viveram.

Cada um dos profetas antigos falou menos para o seu próprio tempo do que para o nosso, de modo que suas profecias permanecem válidas para nós. "Ora, todas estas coisas lhes aconteceram como exemplos; e foram escritas para nossa advertência, para quem já são chegados os fins dos séculos." 1 Coríntios 10:11. "Não para si mesmos, mas para nós, ministraram as coisas que agora vos foram anunciadas por aqueles que vos pregaram o evangelho pelo Espírito Santo enviado do céu; coisas nas quais os anjos desejam perscrutar." 1 Pedro 1:12

“A Bíblia acumulou e reuniu os seus tesouros para esta última geração. Todos os grandes acontecimentos e solenes transações da história do Antigo Testamento têm-se repetido, e estão-se repetindo, na igreja nestes últimos dias.” Mensagens Escolhidas, livro 3, 338, 339.

Daniel representa o povo de Deus, que, nos últimos dias, descobriu, por meio da Palavra profética, que foi disperso. Quando despertarem para esse fato, têm de fazer a oração de Levítico vinte e seis, e também a oração para compreender o último segredo profético que é desselado pouco antes de a provação se encerrar, como representado pela oração de Daniel no capítulo dois. Se e quando entrarem na experiência de Daniel, o anjo Gabriel os tocará, informará e lhes falará, com o propósito de lhes dar "habilidade e entendimento". Os sábios são aqueles que "entendem" o "aumento do conhecimento" quando um segredo profético é desselado.

E ele me instruiu, falou comigo e disse: Ó Daniel, agora saí para te dar sabedoria e entendimento. No princípio das tuas súplicas saiu a ordem, e eu vim para te mostrar, porque és muito amado; portanto, entende o assunto e considera a visão. Daniel 9:22, 23.

A visão que Daniel é instruído a considerar é a visão "mareh" da aparição. Gabriel não havia concluído a tarefa que lhe fora atribuída no capítulo oito quando lhe foi dito que fizesse Daniel compreender a visão "mareh". No capítulo nove, ele voltou para concluir a interpretação. No capítulo nove, Daniel já não vive no período do reino da Babilônia, mas na história do Império Medo-Persa.

Quando Gabriel instrui Daniel a "entender o assunto" e a "considerar a visão", ele está identificando um processo de separação mental que ele quer que Daniel exerça. As palavras traduzidas como "entender" e "considerar" são a mesma palavra hebraica. A palavra é "biyn" e significa separar mentalmente. A palavra hebraica traduzida como "assunto" é "dabar" e significa "a palavra". Portanto, Gabriel está informando Daniel, e aqueles que ele representa nos últimos dias, a dividir corretamente a Palavra da verdade.

Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja corretamente a palavra da verdade. 2 Timóteo 2:15.

A palavra "matter" também é usada por Daniel no capítulo dez, versículo um, onde é traduzida três vezes como "thing".

No terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia, foi revelada uma coisa a Daniel, cujo nome se chamava Beltessazar; e a coisa era verdadeira, mas o tempo determinado era longo; e ele compreendeu a coisa e teve entendimento da visão. Daniel 10:1.

No versículo, a palavra "visão" é a visão "mareh" da aparência, e Daniel tinha entendimento tanto da coisa (assunto) como também da visão ("mareh"). No versículo vinte e três do capítulo nove, Gabriel instruiu Daniel a dividir corretamente o assunto e a visão, e no versículo um do capítulo dez ele tem entendimento tanto do assunto (coisa) como da visão ("mareh"). Gabriel está informando a Daniel, no capítulo nove, que reconheça a distinção (dividir corretamente) entre o assunto e a visão. A visão é a visão "mareh" e o "assunto", ou a "coisa", é a visão "chazon".

No capítulo oito, ambas as visões são identificadas, e observa-se uma distinção, pois Daniel desejava compreender a visão "chazon", mas Gabriel foi instruído a fazer com que Daniel compreendesse a visão "mareh". Ao começar seu trabalho de levar Daniel a compreender o "assunto" e a "visão", ele informa a Daniel que tome nota de que se trata de duas visões distintas.

E ele me informou, falou comigo e disse: Ó Daniel, agora saí para te dar sabedoria e entendimento. No princípio das tuas súplicas saiu a ordem, e vim para te mostrar; pois és muito amado; portanto, entende a palavra e considera a visão. Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade, para pôr fim à transgressão, para pôr fim aos pecados, para fazer expiação pela iniquidade, para introduzir justiça eterna, para selar a visão e a profecia, e para ungir o Santo dos Santos. Sabe, pois, e entende: desde a saída da ordem para restaurar e edificar Jerusalém até ao Messias, o Príncipe, haverá sete semanas e sessenta e duas semanas; a rua e o muro serão reedificados, ainda em tempos difíceis. E, depois das sessenta e duas semanas, será cortado o Messias, mas não por si mesmo; e o povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário; e o fim será como uma inundação, e até ao fim da guerra estão determinadas desolações. Ele confirmará a aliança com muitos por uma semana; e, no meio da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta; e, por causa da disseminação das abominações, fará desolação, até à consumação; e o que está determinado será derramado sobre o desolado. Daniel 9:22-27.

Gabriel desejava que Daniel reconhecesse que elementos tanto da visão "chazon" quanto da visão "mareh" estariam representados na interpretação que ele forneceu a Daniel. A interpretação iria abordar ambas as visões, e cabia a Daniel distinguir corretamente a visão que tratava do pisoteamento do santuário e do exército, da visão que levou ao aparecimento de Cristo no Lugar Santíssimo em 22 de outubro de 1844.

Gabriel identifica que, a partir do decreto de Artaxerxes em 457 a.C., haveria quatrocentos e noventa anos que seriam "cortados" dos dois mil e trezentos anos da visão das tardes e manhãs, que era especialmente para os judeus. Nos versículos recém-citados, a palavra "determinada" é

identificada três vezes, mas são duas palavras hebraicas diferentes que são ambas traduzidas como “determinada” nos versículos. A primeira vez que “determinada” é identificada é no versículo vinte e quatro, e essa palavra hebraica é “chathak” e significa “cortar”.

Identifica que a Israel foi concedido um período probatório que começou com o terceiro decreto de Artaxerxes e terminaria com o apedrejamento de Estêvão, no ano 34 d.C. O período de quatrocentos e noventa anos foi "cortado" e representava um período profético mais curto dentro da profecia mais longa de dois mil e trezentos anos. O número "quatrocentos e noventa" é um símbolo de tempo probatório, como atestado por Jesus.

Então Pedro aproximou-se dele e disse: Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, para que eu o perdoe? Até sete vezes? Jesus lhe disse: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete. Mateus 18:22.

Há um fim para o perdão, e esse fim é representado pelo número "quatrocentos e noventa". Os "quatrocentos e noventa" anos representam um período probatório para os judeus desde a sua libertação até que enchessem a taça do seu tempo probatório no apedrejamento de Estêvão. Os "quatrocentos e noventa" anos também estão ligados à maldição dos "sete tempos" em Levítico vinte e seis. Há apenas dois lugares na Bíblia que mencionam a terra desfrutando de seus sábados. O primeiro encontra-se em Levítico vinte e seis.

E, se, apesar de tudo isto, não me ouvirdes, mas andardes contrariamente a mim; então eu também andarei contrariamente a vós com furor; e eu, sim, eu vos castigarei sete vezes pelos vossos pecados. E comereis a carne de vossos filhos, e comereis a carne de vossas filhas. E destruirei os vossos lugares altos, derrubarei as vossas imagens e lançarei os vossos cadáveres sobre os cadáveres dos vossos ídolos; e a minha alma vos abominará. E tornarei as vossas cidades em ruínas, e trarei os vossos santuários à desolação, e não cheirarei o aroma dos vossos suaves perfumes. E trarei a terra à desolação; e os vossos inimigos que nela habitarem se espantarão disso. E vos espalharei entre as nações, e desembainharei a espada após vós; e a vossa terra será desolada, e as vossas cidades, em ruínas. Então a terra gozará os seus sábados, enquanto estiver desolada e vós estiverdes na terra dos vossos inimigos; então a terra descansará e gozará os seus sábados. Durante todo o tempo em que jazer desolada, descansará; porque não descansou nos vossos sábados, quando nela habitáveis. Levítico 26:27-35.

O castigo das "sete vezes", mencionado quatro vezes no capítulo vinte e seis, indica que, quando o povo de Deus for disperso, a terra então "gozará os seus sábados". Daniel e os três valorosos tinham sido dispersos para a terra dos inimigos, em cumprimento da maldição de Moisés, e a dispersão de setenta anos foi uma lição ilustrativa simbólica da dispersão de dois mil quinhentos e vinte anos. Foi uma lição ilustrativa profética, semelhante aos três anos e meio de seca de Elias durante a perseguição de Jezabel. Aqueles três anos e meio representavam três anos e meio proféticos, que equivaleram a mil duzentos e sessenta anos de domínio papal desde o ano 538 até 1798. Os setenta anos eram um símbolo das "sete vezes", assim como os três anos e meio eram um símbolo do deserto de mil duzentos e sessenta anos. Os setenta anos do cativeiro de Daniel, identificados por Jeremias, representavam "quatrocentos e noventa" anos.

E o Senhor, Deus de seus pais, enviou-lhes por meio de seus mensageiros, levantando-se cedo e enviando-os, porque teve compaixão do seu povo e da sua morada; mas zombaram dos mensageiros de Deus, desprezaram as suas palavras e maltrataram os seus profetas, até que a ira do Senhor se levantou contra o seu povo, até que não houve remédio. Por isso trouxe contra eles o rei dos caldeus, que matou à espada os seus jovens na casa do seu santuário, e não teve compaixão do jovem nem da donzela, do velho nem do encurvado pela idade; a todos entregou nas mãos dele. E todos os utensílios da casa de Deus, grandes e pequenos, e os tesouros da casa do Senhor, e os tesouros do rei e de seus príncipes; tudo isto levou para Babilônia. E queimaram a casa de Deus, derrubaram o muro de Jerusalém, queimaram com fogo todos os seus palácios e destruíram todos os seus utensílios preciosos. E os que escaparam da espada levou-os para Babilônia; onde foram servos dele e de seus filhos até o reinado do reino da Pérsia; para que se cumprisse a palavra do Senhor pela boca de Jeremias, até que a terra tivesse gozado os seus sábados; pois, enquanto esteve desolada, guardou sábado, para cumprir setenta anos. Ora, no primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia, para que se cumprisse a palavra do Senhor, falada pela boca de Jeremias, o Senhor despertou o espírito de Ciro, rei da Pérsia, de modo que ele fez uma proclamação por todo o seu reino e também a pôs por escrito, dizendo: Assim diz Ciro, rei da Pérsia: Todos os reinos da terra me deu o Senhor, Deus dos céus; e ele me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém, que está em Judá. Quem há entre vós, de todo o seu povo? Seja o Senhor, seu Deus, com ele, e suba. 2 Crônicas 36:15-23.

As únicas duas referências na Bíblia em que a terra desfruta dos seus sábados estão relacionadas à dispersão do povo de Deus e aos setenta anos de cativo, que representaram um período de tempo que permitiria à terra desfrutar dos seus sábados. Isso equivalia à quantidade de sábados que os judeus não permitiram que a terra descansasse. O descanso da terra por setenta anos representou o total de anos em que a rebelião contra o mandamento de permitir que a terra descansasse havia sido praticada. Uma matemática simples mostra que, em "quatrocentos e noventa" anos de rebelião, haveria um total de setenta anos em que a terra não havia descansado.

Quatrocentos e noventa anos foram retirados dos dois mil e trezentos anos, como um período probatório para os judeus, e esse período de "quatrocentos e noventa" anos tem uma ligação direta com a dispersão dos "sete tempos" de Levítico vinte e seis.

A visão "chazon" do pisoteamento e a visão "mareh" da aparição no fim de dois mil e trezentos anos são distintas entre si, mas têm uma ligação direta. Assim como no caso de Daniel, o povo de Deus deve distinguir corretamente as duas visões, reconhecendo ao mesmo tempo a conexão entre elas. Os setenta anos de cativo que levaram aos três decretos que permitiram aos judeus retornar e reconstruir Jerusalém representaram "quatrocentos e noventa" anos de rebelião dos judeus contra a aliança de permitir que a terra descansasse.

Quando o terceiro decreto assinalou a sua oportunidade de voltar e reconstruir, foi-lhes concedido um período probatório de "quatrocentos e noventa" anos, pois foram postos à prova pelo mesmo período de tempo em que a sua desobediência levou à destruição de Jerusalém e à sua dispersão. Ao fim do segundo período de "quatrocentos e noventa anos", a sua desobediência traria mais uma vez a destruição de Jerusalém e a sua dispersão entre os gentios.

A dispersão do cativo de setenta anos foi precedida por "quatrocentos e noventa" anos de rebelião, e então aquele cativo de setenta anos foi seguido por outros "quatrocentos e noventa anos" de rebelião.

O primeiro período de "quatrocentos e noventa" anos, que resultou nos setenta anos de descanso da terra, havia chegado ao seu término com a destruição de Jerusalém. Ao final do período de "quatrocentos e noventa" anos que foi cortado dos dois mil e trezentos anos, Jerusalém foi mais uma vez destruída, pois Jesus sempre ilustra o fim de algo com o princípio de algo.

O cativo de setenta anos de Israel literal na Babilônia literal foi um símbolo da dispersão dos "sete tempos", e a Irmã White identifica que os setenta anos de cativo de Israel literal na Babilônia literal foram um tipo dos mil duzentos e sessenta anos de cativo de Israel espiritual na Babilônia espiritual.

"A igreja de Deus na terra esteve tão verdadeiramente em cativo durante esse longo período de perseguição implacável quanto estiveram os filhos de Israel cativos na Babilônia durante o período do exílio." Profetas e Reis, 714.

Os mil duzentos e sessenta anos, do ano 538 a 1798, foram um tipo dos "sete tempos". No fim dos setenta anos, os judeus retornaram para restaurar e reconstruir Jerusalém. O retorno deles durante os três decretos marcou o início (457 a.C.) dos dois mil e trezentos anos da visão "mareh" que levou ao aparecimento de Cristo no Lugar Santíssimo em 22 de outubro de 1844. Os três decretos marcaram o início do período profético, e foram necessários os três decretos para iniciar o período profético, embora eles tenham começado a retornar e reconstruir com o primeiro decreto de Ciro.

"No sétimo capítulo de Esdras se encontra o decreto. Versículos 12–26. Em sua forma mais completa, ele foi expedido por Artaxerxes, rei da Pérsia, em 457 a.C. Mas em Esdras 6:14 se diz que a casa do Senhor em Jerusalém foi edificada 'segundo o mandado ['decreto', à margem] de Ciro, e de Dario, e de Artaxerxes, rei da Pérsia'. Esses três reis, ao originarem, reafirmarem e completarem o decreto, levaram-no à perfeição exigida pela profecia para assinalar o início dos 2300 anos. Tomando-se 457 a.C., o tempo em que o decreto foi completado, como a data do mandado, viu-se que toda especificação da profecia concernente às setenta semanas se havia cumprido." O Grande Conflito, 326.

De 1798 a 1844, os três anjos do Apocalipse entraram na história profética, e assim como os três decretos marcaram o início da profecia de dois mil e trezentos anos, esses três anjos marcaram a conclusão da profecia. O período profético terminou com a chegada do terceiro anjo, assim como havia começado com a chegada do terceiro decreto, pois Jesus sempre identifica o fim de uma coisa com o início de uma coisa.

Os judeus começaram a voltar sob o primeiro decreto, e, na história do segundo decreto, concluíram o templo. O terceiro anjo chegou em 22 de outubro de 1844, e, antes dessa data, os mileritas haviam concluído o templo espiritual, para cuja reconstrução haviam saído da Babilônia espiritual. Ele devia estar concluído, pois em 22 de outubro de 1844 o mensageiro da aliança viria repentinamente ao seu templo. Esse templo era o povo milerita, que entrou em aliança em 22 de outubro de 1844, e que Pedro identifica como um templo.

Vós também, como pedras vivas, sois edificados como casa espiritual, para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecer sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por meio de Jesus Cristo. 1 Pedro 2:5.

O templo milerita foi construído de 1798 a 1844, o que totaliza quarenta e seis anos, ou, profeticamente, três dias, pois Cristo indicou que são necessários três dias para erguer um templo.

E estava próxima a Páscoa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém, e encontrou no templo os que vendiam bois, ovelhas e pombas, e os cambistas sentados. E, tendo feito um chicote de cordéis, expulsou a todos do templo, bem como as ovelhas e os bois; derramou o dinheiro dos cambistas e derrubou as mesas. E disse aos que vendiam pombas: Tirai daqui estas coisas; não façais da casa de meu Pai uma casa de comércio. E seus discípulos lembraram-se de que estava escrito: O zelo da tua casa me consumiu. Então os judeus responderam e lhe disseram: Que sinal nos mostras, já que fazes estas coisas? Jesus respondeu e lhes disse: Destruam este templo, e em três dias eu o levantarei. Disseram então os judeus: Este templo foi construído em quarenta e seis anos, e tu o levantarás em três dias? Mas ele falava do templo do seu corpo. João 2:13-21.

A irmã White afirma que, quando o mensageiro da aliança veio subitamente ao seu templo, como apresentado no livro de Malaquias, a predição havia sido cumprida quando Cristo purificou o templo, como acabou de ser identificado na passagem de João.

Ao purificar o templo dos compradores e vendedores do mundo, Jesus anunciou Sua missão de purificar o coração da contaminação do pecado — dos desejos terrenos, das cobiças egoístas, dos maus hábitos que corrompem a alma. "Eis que eu envio o meu mensageiro, e ele preparará o caminho diante de mim; e o Senhor, a quem buscais, virá de repente ao seu templo, o mensageiro da aliança, em quem vos deleitais; eis que ele vem, diz o Senhor dos Exércitos. Mas quem poderá suportar o dia da sua vinda? E quem subsistirá quando ele aparecer? Pois ele é como o fogo do refinador e como o sabão dos lavandeiros. Assentar-se-á como refinador e purificador de prata; purificará os filhos de Levi e os refinará como ouro e prata, para que ofereçam ao Senhor uma oferta em justiça. Malaquias 3:1-3." O Desejado de Todas as Nações, 161.

O templo em João, capítulo dois, levou quarenta e seis anos para ser construído, e Jesus disse que ergueria o templo destruído em três dias. De 1798 até 1844 são quarenta e seis anos, e esse período identifica a chegada dos três anjos (dias) de Apocalipse catorze, que haviam sido tipificados pelos três decretos que deram início à profecia dos dois mil e trezentos anos. Os quarenta e seis anos constituem o período em que Cristo ergueu o templo milerita, pois, antes daquele tempo, o santuário espiritual e o Israel espiritual haviam sido pisoteados pela Babilônia espiritual.

Quando Cristo purificou o templo na Páscoa, no início de Seu ministério, Ele estava cumprindo a profecia do Mensageiro da Aliança, que viria de repente ao Seu templo, conforme está em Malaquias. Em 22 de outubro de 1844, Cristo veio de repente ao Seu templo, e tinha levado quarenta e seis anos para erguer Seu templo destruído.

“A vinda de Cristo, nosso sumo sacerdote, ao lugar santíssimo, para a purificação do santuário, apresentada em Daniel 8:14; a vinda do Filho do homem ao Ancião de Dias, conforme apresentada em Daniel 7:13; e a vinda do Senhor ao Seu templo, predita por Malaquias, são descrições do mesmo acontecimento; e isto é também representado pela vinda do noivo às bodas, descrita por Cristo na parábola das dez virgens, em Mateus 25.” O Grande Conflito, 426.

A primeira indignação terminou em 1798, e o término da última indignação ocorreu em 1844. O início do período de quarenta e seis anos, no qual Cristo ergueu o templo milerita, ilustrou o fim, pois tanto o início quanto o fim foram marcados pela conclusão da indignação de Deus contra o Seu povo, pois Jesus sempre identifica o fim de algo com o início de algo.

Continuaremos nosso estudo da instrução de Gabriel a Daniel no próximo artigo.

O livro do Apocalipse deve ser aberto ao povo. Muitos foram ensinados de que se trata de um livro selado, mas ele está selado apenas para aqueles que rejeitam a verdade e a luz. As verdades que ele contém devem ser proclamadas, para que as pessoas tenham a oportunidade de se preparar para os eventos que em breve ocorrerão. A mensagem do terceiro anjo deve ser apresentada como a única esperança para a salvação de um mundo que perece.

"Os perigos dos últimos dias estão sobre nós, e em nossa obra devemos advertir o povo do perigo em que se encontra. Não deixemos de abordar as cenas solenes que a profecia revelou que em breve hão de ocorrer. Somos mensageiros de Deus, e não temos tempo a perder. Os que desejarem ser cooperadores de nosso Senhor Jesus Cristo demonstrarão profundo interesse nas verdades contidas neste livro. Com a pena e com a voz, esforçar-se-ão por tornar claras as coisas maravilhosas que Cristo veio do céu revelar." Sinais dos Tempos, 4 de julho de 1906.